



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

A (TRANS) FORMAÇÃO DO LEITOR CONTEMPORÂNEO A PARTIR DA CRÔNICA DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Débora da Silva Chaves¹

Com a chegada das novas tecnologias e a inclusão de equipamentos informatizados que revolucionaram o acesso aos textos literários, a vida do leitor contemporâneo tem sido visivelmente afetada e transformada. A leitura hoje se torna cada vez mais prática, ágil e interativa ao passo que esse leitor pode não apenas ler o escrito literal, sendo obrigado a aceitar o que aparentemente é imposto pelo autor e/ou narrador, como também pode ser capaz de compreender toda a fragmentação que o compõe através da junção de informações que o rodeia, ampliando sua capacidade de formar e transformar.

Hoje, a leitura vem se tornando cada vez mais fácil e acessível, haja vista que essas novas tecnologias possibilitam ainda mais a interação texto-leitor, uma vez que o texto literário está sendo totalmente incluído nos sistemas de comunicação informatizado.

Essa interatividade constrói no leitor uma “esperança” de (trans)formação que vai sempre mais em direção a um avanço e aprimoramento de leitura, preparando-o e capacitando-o para um mundo cheio de novas descobertas e possibilidades. Isto acontece, por exemplo, nos *blogs* de escritores, ou mesmo em *sites* de comentários das leituras, onde esse leitor pode escrever a sua impressão e pontos positivos ou negativos do texto.

Pensando no processo de formação do sujeito, dotado da capacidade de refletir o mundo a sua volta, somando aos seus conhecimentos todo o aparato de informações que o acompanham desde o seu nascimento, seguido da criação instituída na família e, principalmente, concretizada na cultura e na sociedade a sua volta (HALL, 2005), é possível perceber de que forma esse leitor contemporâneo consegue colocar sobre o texto literário sua própria experiência de vida, recorrendo ao conhecimento empírico que o constitui sujeito de si, tendo a possibilidade de trocar experiências ao passo que interage com a leitura e recria, de maneira individual ou coletiva, sua própria impressão do texto e as possíveis interpretações que este pode oferecer.

Nota-se que esse leitor não se limita àquilo que o “autor” gostaria de propor como verdade absoluta no texto, antes ele apresenta a capacidade de romper com os paradigmas pré-estabelecidos para formar um diálogo com esse texto e assim produzir o

¹ Mestranda em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC; Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB; e-mail: dekachaves@ig.com.br

múltiplo sentido que se aplica à noção de “intertextualidade” como uma produção ilimitada de novas possibilidades, de significados e de interpretações, de acordo com as exigências de seu horizonte de expectativas (JAUSS, 1983).

O momento do trânsito formação/transformação cria no leitor contemporâneo uma forma indefinida, resultante dessas fusões que se realizam no espaço/tempo, tentando exprimir, de maneira complexa, um lugar de estabilidade que, ao tentar construir uma identidade centrada para esse leitor, uma identidade que pode ser chamada de “leitor ideal” acaba convergindo para uma outra identidade, mais flexível, mais vulnerável, mais frágil até, pois é baseada em reparos e em sentidos não autênticos.

Segundo Hall (2005), toda vez que o sujeito busca uma identidade fixa, centralizada e coesa em si mesma, acaba apontando para uma *crise de identidade*, pois, é em meio a essa crise que se instaura a multiplicidade de sujeitos que descentralizam o processo homogêneo da significação; isto é, a identidade do sujeito acaba se deslocando à medida que outras necessidades de mutabilidade vão sendo apresentadas, pois, ao se deslocar no trânsito sujeito/leitor – texto/mundo tende a assumir novas formas de experimentação e de compreensão dessa identidade.

Esses novos sentidos acabam criando perspectivas ligadas ao trânsito cultural, unificando todas as culturas de leitura até então revisitadas por esse leitor, somando-as e completando-as a fim de, como resultado, propor um novo olhar que irá refletir, então, sobre as formas de experimentar o horizonte verdadeiro que se aproxima de uma estratégia de deter o poder sobre os fatos, sobre as pessoas, sobre a vida.

Dentro de uma perspectiva pós-moderna, Bhabha (2007) vai trazer uma reflexão sobre essa forma de alcançar uma transposição de fronteiras que pode ser usada para a exemplificação da própria quebra de fronteira existente entre o olhar do autor, visto como o dono da narrativa em um primeiro momento, e a construção paralela, imanente do leitor, enquanto sujeito do ato de leitura.

Entretanto, essa construção paralela do sujeito-leitor cria um trânsito subjetivo, imparcial, que percorre o passado, o presente e o futuro, pois ao se deslocar na história, através da leitura, elabora uma abordagem individual, que se concretiza na realização de seu ápice formativo; ou seja, o leitor constrói sua história própria, a partir daquela leitura que transitou no seu espaço/universo de formação. (BHABHA, 2007).

Cada vez que, em sua experiência de leitura, o leitor usa as próprias experiências de vida, ele interfere de forma ilimitada na construção do espaço e do tempo da narrativa, e esses (espaço/tempo) se cruzam produzindo figuras ainda mais complexas, que resultam em diferenças e lugares não definidos ou em *comunidades imaginadas*, que dialogam com as expectativas de outros possíveis leitores.

Essas *comunidades imaginadas* (ANDERSSON, 2008) constroem infinitas possibilidades de troca e de deslocamentos onde o sujeito-leitor vislumbra uma oportunidade de experimentar um diálogo com o texto, problematizando-o e, ao mesmo tempo, encontrando respostas para suas demandas internas e individuais, pois passa a visualizar um espaço paralelo, construído no imaginário e na afinidade, que dará conta de responder as suas delimitações enquanto sujeito do mundo.

É nesse momento que entra em cena o contraste da relação opositiva entre realidade e ficção, provocando uma interação texto-leitor, que o transporta para o universo fictício, imaginado pelo autor, a partir do momento em que percebe, na narrativa, uma aproximação com a sua realidade.

(...) há no texto ficcional muita realidade que não só deve ser identificável como realidade social, mas que também pode ser de

ordem sentimental e emocional. Estas realidades por certo diversas não são ficções, nem tampouco se transformam em tais pelo fato de entrarem na apresentação de textos ficcionais. (ISER, 1983)

Nessa interseção da realidade na ficção e da ficção na realidade mostra, de certa forma, como esse leitor se torna co-autor do texto, afinal, é a partir dessa intervenção que se constrói uma nova forma de narrativa, que surge do resultado e da resposta desse leitor para com o texto.

Cada vez que o leitor reage diante do texto, positiva ou negativamente, ele amplia seu horizonte e ganha novas perspectivas para inserir em seu universo de leituras, aquilo que interessa efetivamente para proporcionar essa troca, ou seja, o texto se torna especial e estimulante à medida em que o leitor se reconhece no texto, coloca suas expectativas sobre ele e consegue produzir uma crítica que interfira no texto, construindo uma leitura outra que corresponda a esses horizontes.

O leitor do século XIX, notadamente na crônica de Machado de Assis, estava sujeito a uma leitura fechada, restrita talvez ao universo local, que representava o contexto histórico vivido por ele. Isto é, de certa forma, o leitor da crônica machadiana encontrava uma forma linear de perceber o direcionamento do autor; como se este soubesse exatamente que tipo de leitor gostaria de atingir.

Um outro exemplo pode ser visto em João do Rio, já na *belle époque*, onde é possível perceber que a modernização da cidade exigia uma mudança de comportamento da escrita para com o leitor, pois a figura do jovem e da mulher começava a exigir uma dinâmica mais elevada, complexa; então passou-se a construir uma nova sintaxe, apresentando uma outra maneira de escrever a vida do povo, neste caso, carioca, dando a esse leitor a possibilidade de transformar o lugar comum em um lugar de reconstrução e de representação (SÁ, 1985).

Não por acaso, essas novas perspectivas de leitura, fragmentada, rápida, correspondente, passou a representar exatamente o momento vivido pela sociedade da época. O texto curto, objetivo, dava conta, de maneira sutil, irônica e descontraída, de denunciar os abusos políticos, econômicos, sociais, ou mesmo, de tão somente colocar o leitor em contato com os acontecimentos recentes.

Desse modo, a crônica aparece desempenhando um papel fundamental nesse momento da transformação da leitura, pois ela representa não somente a liberdade do escritor, mais ainda a liberdade do leitor a partir das trocas com o texto e das ingerências que pode ter na construção dessa narrativa.

Para exemplificar essas abordagens, serão usadas duas crônicas do escritor João Ubaldo Ribeiro que bem se prestam a essa percepção. A trajetória literária do escritor João Ubaldo Ribeiro é marcada pelo consenso em relação a uma bem-sucedida carreira, que o coloca na linha de frente do imaginário literário nacional, representando o cânone contemporâneo, inclusive no que talvez seja o signo maior desta representação, que é a Academia Brasileira de Letras.

Na primeira crônica analisada, *A Redenção Econômica da Ilha*, publicada em 1988, no livro intitulado “Sempre aos Domingos”, que trata da reclamação de um morador da Ilha de Itaparica-BA pela passagem do cometa não ter sido divulgada, através do jornal, como uma forma de divulgar a existência da cidade.

O escritor João Ubaldo Ribeiro, nessa crônica, mostra de uma forma descontraída, e por que não dizer, divertida, como que uma crônica de jornal pode dar voz a quem não a tem.

(...) E você na quer reconhecer sua culpa?
- mas como, minha culpa?

- sua culpa. Você tinha de ter escrito no jornal que o melhor lugar de ver o cometa era aqui e avisado ao pessoal, para a gente alugar barco, janela, morro, o que pintasse. Você podia ter até mandado botar na Globo, você falando com aquele amigo seu – um que vem aqui e fica dando risada o dia todo e gritando que é Tom Mix -, sim, Daniel Filho, você falava com ele pra ele botar Cid Moreira, ou senão aquele do esporte que só fala berrando, dizendo que o melhor lugar do Brasil para ver o cometa era aqui e que trouxesse dinheiro porque a gente ia cobrar tudo. (RIBEIRO, 1988, p. 60)

O que pode ser percebido neste trecho da crônica é a forma como o leitor apresenta a importância do texto na vida dos moradores da cidade, ou seja, o fato de o jornal, ou mesmo a TV, indicar a Ilha de Itaparica como um possível lugar para se ver a passagem do cometa seria suficiente para transformar a vida da população. Desse modo, confirma a influência da experiência do leitor sobre dada leitura.

A segunda crônica em questão, *Acontecimentos Alarmantes na Ilha*, publicada em junho de 2008, no jornal A Tarde, de Salvador - BA, que fala sobre a diferença da condição de vida de um morador da cidade do Rio de Janeiro para a pacata vida do cidadão de Itaparica.

Mostrando como que o imaginário do leitor pode estar/ser construído a partir da leitura, ao passo que a leitura também está sendo construída dentro desse leitor.

De vez em quando eu fico tenso com a vida na cidade grande, bombardeado por uma massa de opiniões e notícias contraditórias, contaminado pela paranóia geral e assombrado por todos os lados, que me dá vontade, como dá a muita gente, de me pirulitar, como se dizia antigamente. E, imagino que ao contrário da maioria dos que querem pirulitar-se, já tenho até aonde ir. Perdoem-me se repito o que disse o baiano Otávio Mangabeira, mas talvez alguns entre vocês ainda não conheçam essa observação. Segundo contam, ele disse que, quando o mundo acabar, a baianada só vai saber cinco dias depois. Isso na Bahia. Em Itaparica, que fica perto mas é outro solo, sempre pensei que o prazo seria bem maior, a ponto de o sujeito poder pegar um saveiro lá, ir ao continente assistir um bocadinho ao fim do mundo e voltar para contar ao pessoal da ilha. Sossego, sossego, nada de ler jornal, conversar sobre política ou dar alguma pelota para o que acontece aqui fora. (RIBEIRO, 2008, Cad. 2, p.2)

A forma como João Ubaldo descreve a relação dele com a Ilha de Itaparica faz com que o leitor perceba a presença de uma transformação, ao passo que ele se sente um pouco íntimo também deste lugar. O escritor provoca algo que perpassa os signos comuns e se apresenta como idealização, um impulso por conhecer esse lugar, um sentimento que faz com que tenha curiosidade de saber que relação é essa que aproxima alguém que está tão distante, fazendo com que deseje estar tão perto.

E é aí que entra o desafio da leitura. Essa (trans) formação que o coloca como participante intenso da leitura, desdobrando as entrelinhas, interpretando os vazios deixados pelas palavras e, ao mesmo tempo, colocando seus próprios sentimentos sobre o texto.

Nas duas crônicas, embora escritas em épocas distintas, podemos perceber a presença da relação autor-leitor, pois, ao mesmo tempo em que o escritor João Ubaldo usa de um recurso local (Ilha de Itaparica, interior da Bahia) para dialogar com o leitor do mundo (pois apresenta a Ilha de Itaparica aos leitores que não a conhecem,

provocando uma construção do imaginário da Ilha), usa também o fator Universal (o fato de ser morador do Leblon, Rio de Janeiro, grande metrópole) para incluir esse leitor num espaço paralelo, pois, quando traz a presença da Ilha de Itaparica aos seus textos, age de maneira expositiva diante do seu leitor, fazendo com que ele se relacione com a Ilha de Itaparica, mesmo sem saber se esta está inserida em um lugar ficcional ou real, que, nesse momento, acaba sendo menos importante.

Segundo Iser (2007), na relação texto-contexto, texto-leitor, os elementos que são escolhidos para o processo da leitura passam a ser reinventados, são colocados como referência e são atualizados ao longo dessa leitura, ou seja, eles interagem entre si e com o leitor, fazendo com que o que não está explícito no texto passe a construir uma nova possibilidade de interação e de construção que vai se manifestando ao longo da troca com esse leitor.

Com isso, constata-se aqui essa (trans) formação no leitor contemporâneo, a partir de uma já instituída formação que se identifica na mudança na perspectiva desse leitor; o que possibilita a passagem do local ao universal, através da inclusão de elementos reais dentro do universo ficcional (ISER, 1983), provocando, sobretudo, uma construção identitária, numa perspectiva de representações desse leitor-sujeito ou sujeito-leitor, enquanto leitor do mundo.

Desse modo, o leitor contemporâneo está carregado desses elementos ficcionais, colocando suas experiências sobre o texto, recebendo dele as influências que necessita para uma interação e construção e reforçando a idéia de que, cada vez mais, a sua formação e a sua transformação estão caminhando simultaneamente na contemporaneidade.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG Editora, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.
- ISER, Wolfgang. Problemas da teoria da literatura atual: o imaginário e os conceitos-chave da época in: LIMA, Luiz da Costa (org.). **Teoria literária em suas fontes**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.
- JAUSS, Hans Robert. O texto poético na mudança de horizonte da Leitura in: LIMA, Luiz da Costa (org.). **Teoria literária em suas fontes**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.
- RIBEIRO, João Ubaldo. **A Redenção econômica da Ilha**. Sempre aos Domingos: Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.
- _____. **Acontecimentos Alarmantes na Ilha**. Jornal A TARDE. Salvador: 29/06/2008. Caderno 2, p. 2.
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.